

O PANORAMA.

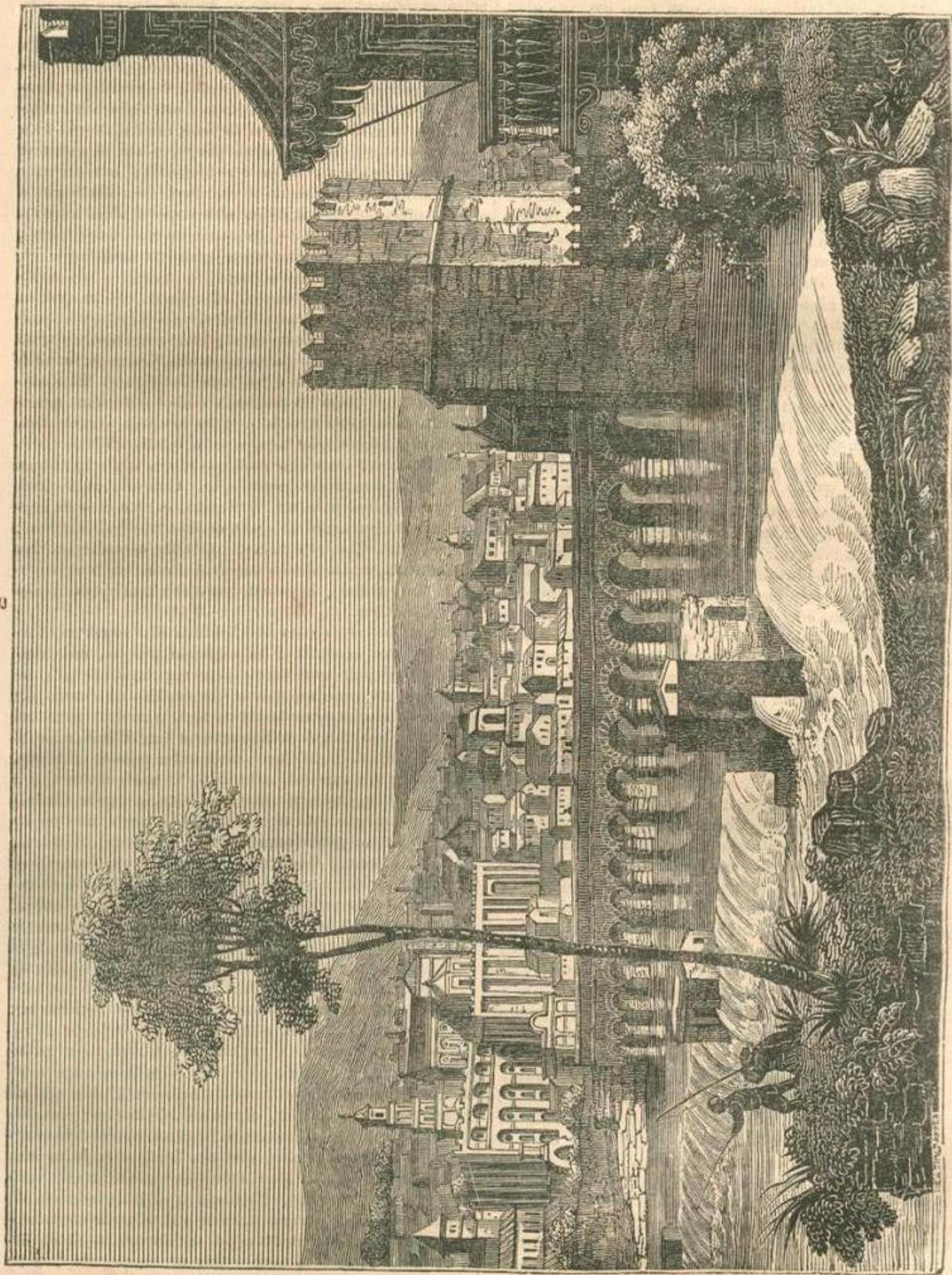
JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

40)

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (FEVEREIRO 3, 1838)



VISTA DE CORDOVA.

CORDOVA.

No vasto e formoso paiz d'Andaluzia, a região mais meridional da península, fundaram os mouros, durante o seu dominio nas Hespanhas, quatro reinos opulentos, que são hoje outras tantas provincias da monarchia hespanhola: Sevilha, Granada, Jaen e Cordova. Este ultimo occupa o meio d'Andaluzia para a parte do norte: o Guadalquivir o corta diagonalmente. É sua capital Cordova, com sé episcopal; a epocha de sua fundação não está bem averiguada; suppõe-se, porém, fundada pelos romanos, em cujo tempo floresceu. Do poder destes passou para o dos godos, até que os mouros invadiram a Hespanha. Então oppoz aos aggressores mui porfiada resistencia; e depois de assaltada inutilmente, teve de ceder pela traição de um pastor que introduziu os cercadores na cidade por uma communicação secreta: ainda assim o governador e a guarnição se fortificaram na igreja de S. Jorge, onde se sustentaram por tres mezes, até que, forçado aquelle reducto, foram passados á espada, depois de se terem defendido como heroes. É notavel que este governador e o de Mérida foram, de toda a Hespanha, os unicos que resistiram por algum tempo: os mais, ou fugiram, ou entregaram as praças sob as condições vantajosas que para si obtiveram. Observaremos de passagem que a historia dos sitios militares em Hespanha é tão ampla, como gloriosa.

Cordova, submettida aos mouros, reconheceu como senhores os Califas de Damasco; porém em breve fez-se uma revolução, em virtude da qual Abderrama se apouso do supremo poder, e constituiu a cidade capital d'um novo imperio. Abderrama 2.^o, que reinou em o seculo 9.^o, aformoseou-a prodigiosamente; mandou calçar as ruas e praças; trouxe as aguas do Guadalquivir até dentro ás casas particulares por meio de innumeraveis canaes, e construiu elegantes chafarizes em diferentes bairros. Teve este principe uma corte luzida; e na recepção dos embaixadores de Constantino 9.^o, filho de Leão, imperador de Constantinopola, ostentou o mais requintado fausto asiatico. O fim desta embaixada era o tratado d'alliança contra os califas Abassides de Bagdad, que se concluiu e assignou em Cordova. — Nesta epocha, 12.000 aldeas cobriam as margens do Guadalquivir, onde hoje talvez não existam 800: Cordova abrangia 200.000 casas, e 900 banhos; a guarda do principe compunha-se de 12.000 cavalleiros armados ricamente; os seus estados comprehendiam 80 cidades populosas, afóra 300 povoações de segunda ordem, e suas rendas annuaes, sem contar os impostos recebidos em genero, passavam de 48 milhões de cruzados, somma enorme n'aquellas eras. Fallam os escriptores arabes, ainda não contentes com tanta magnificencia, d'uma cidade que este monarcha edificára nas faldas das montanhas, a duas milhas de Cordova, em obsequio de uma sua concubina, chamada Zéhra, cujo nome pozera á cidade. São porém quasi incriveis as grandezas e elegancias, que da mesma referem, e mais dignas de enfeitarem os contos de mil e uma noites do que uma historia sisuda. De mais, de tanta sumptuosidade nem o menor vestigio apparece, ignorando-se, até no proprio paiz, o local desta soberba construcção, que por certo foi obra da exaggerada phantasia arabe. Não é porém ideal a nomeada das escholhas de musica e de sciencias, que teve Cordova naquelles tempos de seu esplendor e gloria, nem tão pouco uma numerosa livraria, á qual Alhaken ajuntou mais de 600 volumes. Sobretudo os alumnos da musica se fizeram famosos espalhando-se pela Asia. A architectura tambem mereceu os cui-

dados dos reis mouriseos, que levantaram soberbos palacios e mesquitas: mas a maior parte destes edificios, que sobreviveram ao dominio dos arabes, foram arrasados em 1589 pelo terremoto, que destruiu grande porção da cidade.

Cordova está situada n'um assento aprasivel, longe das serras que se avistam ao norte, e sobre a planicie banhada pelo Guadalquivir, que corre ao longo dos muros da cidade descrevendo uma meia lua. A planicie dilata-se ao sul do rio; e na margem direita as alturas dos ramaes da Serra-Morena são cortadas por valles agradaveis, regados por muitos mananciaes. Alli tem os habitantes de Cordova as suas casas de campo entremeadas de jardins, vinhas, oliveas, pomares de fructas de carogo e de pevide, e principalmente de laranja e de limão: estes são tão abundantes que embalsamam o ar com seus aromas, e os fructos se vendem por baixo prego, e até ás vezes se estroem. Todavia, força é confessa-lo, o territorio desta cidade, que seria susceptivel de toda a casta de cultura, jaz em muitos sitios quasi abandonado. O gado cavallar neste districto é de raça excellente, e ninguem ignora a fama dos cavallos andaluzes.

A cidade é um quadrilongo, correndo o seu comprimento de leste a oeste. É cercada de muralhas de taipa muito compacta, defendidas por torres quadradas, que pela maior parte tiveram ameias: uma porção foi construida pelos romanos, outra pelos arabes, como ainda hoje é facil de distinguir. É d'ambito vasto; porém os pomares e hortas tomam grande extensão deste terreno. Tem bonitos arrabaldes, sendo o maior o que fica para a banda do nascente. Apesar de ser outr'ora mui povoada, actualmente é assaz mediocre a sua população. Quando os mouros foram expulsos pelo rei Fernando, este e os seus successores procuraram chamar aqui outros habitadores; mas saíram-lhes, em parte, baldados os esforços. No meiado do seculo decimo-septimo contava umas sessenta mil almas; hoje este numero está quasi reduzido a metade.

Quasi todas as ruas de Cordova são estreitas, tortuosas e mal cruzadas; ha algumas praças, uma dellas notavel pela extensão, pela regularidade das casas, e pelas arcadas, que a circumdão. As casas dos particulares são agradaveis de ver, e muitas possuem jardins, plantados de varias arvores fructiferas, e abundantes d'agua. Todavia na cidade ha poucos edificios, que mereçam especial attenção. O mais notavel é a sé: foi antigamente uma mesquita, e ainda conserva vulgarmente esta denominação. Neste mesmo local tinham os godos construido a primeira cathedral, onde, no tempo dos romanos, estava um templo de Jano. A coincidência destas circumstancias é talvez unica n'um monumento deste genero. O templo actual é um vasto edificio, situado desacompanhadamente entre quatro grandes ruas, em terreno de superficie desigual. Tem 534 pés de comprimento, e 387½ pés de largura no interior. A fachada do lado do norte é cheia de ornatos de estuque de grande delicadeza: arrimadas á porta estão seis columnas de jaspe de rara belleza. Precede a entrada no templo um pateo mui vasto, guarnecido por tres lados com uma arca de 72 columnas: a área do meio está plantada de limoeiros, laranjeiras, ciprestes, palmeiras e outras arvores, e tem no centro um formoso tanque de marmore com seu repucho, que era o logar onde os musulmanos faziam as suas abluições: correm alli mais tres fontes perennes. Esta cerca é uma especie de jardim pensil, porque assenta sobre uma vasta cisterna de abobada sustida por columnas. — A cathedral tem 17 portas recamadas de chapas de bronze de subtil lavor; só cinco dão serventia, porque as

outras estão fechadas. O templo é magestoso; porém seríamos muito diffusos se o intentassemos descrever. Contém bellos quadros da eschola hespanhola; e da mesma possuem alguns de preço as outras igrejas da cidade. Uma parte dos artistas distinctos em pintura e esculptura, de que se présa a Hespanha, são naturaes de Cordova.

O estrangeiro deve tambem ver o collegio de S. Paulo, e a igreja dos Martyres. O palacio real é grande, bello e cercado de muralhas, de fórma que parece uma cidadella separada da cidade, estando situado n'uma das suas extremidades. Ha nelle uma picaria, e a mais excellente caudalaria da raça andaluz, onde em 1792 se contavam 600 cavallos.

A industria e o commercio floresceram bastante em Cordova nas eras antigas; ja no tempo dos romanos, segundo diz Estrabão, se fazia grosso trafico nesta cidade; e tanto o giro commercial como as manufacturas prosperaram durante o tempo dos mouros, e ainda nos primeiros dois seculos do dominio castelhano. Decairam depois, como em quasi toda a Hespanha; e actualmente só restam pequenas manufacturas de fitas e galões, e uma fabrica de chapéus. As obras d'ourives ainda hoje se fazem em quantidade, que os artifices vão vender pelas feiras; mas todas estas obras, ainda que preciosas sejam pela materia, são destituídas da elegancia e delicadeza do feitiço. Cabe aqui mencionar que certa preparação de couros, que se fazia em Cordova, deu o nome aos *cordovões*, que até aos nossos dias se tem perpetuado.

Cordova se honra de ter dado a Roma alguns varões insignes nas letras, cujos escriptos, tendo sido o lustre do seu seculo, mereceram chegar illesos aos nossos tempos, em que ainda tem valia. Taes foram os dois Senecas, cujas obras possuímos, o orador Porcio Latro, de que restam fragmentos, e o bem conhecido Lucano, auctor da Pharsalia. No tempo dos mouros, entre outros, floresceu Averroes, homem de variado saber, e abalisado para a sua epocha. Os poetas João de Mena, e Gongora, o pintor Paulo Cespedes, que se distinguem em todos os ramos das bellas-artes, foram naturaes de Cordova. Tambem nella teve o berço o valoroso e afamado Gonçalo Fernandez de Cordova, um dos mais illustres generaes do seculo 15.^o, por antonomasia o *grão-capitão*, que depois de ter sido o instrumento das victorias, e gloriosos successos do reinado de D. Fernando 5.^o, veio depois a ser alvo e victima do injusto ciúme deste monarcha. Florian o tomou para heroe d'um seu romance, vulgar entre nós.

Antes de findar este artigo não podemos resistir á tentação de trasladar algumas palavras de um sabio distincto [Mr. Bory de S. Vicent] ácerca da Andaluzia em geral. «Este paiz [diz elle] celebre desde a mais remota antiguidade pelo nome de *Tartesia*, foi alvo da ambição de todos os povos que entraram na Hespanha, a quem deu logo na vista a sua prodigiosa fertilidade. Com effeito nenhuma parte do mundo foi melhor disposta pela natureza para produzir de tudo. A superficie e o interior da terra parecem rivalisar em riquezas: minas de ferro, d'amianto, de enxofre, de cobre, de chumbo, de prata, e até de ouro, foram, ou ainda são, exploradas, e poderiam até ser mais productivas que nunca: nas montanhas calcarias abundam variados marmores e bellissimos alabastros: as minas de sal, que são muitas, situadas no interior do paiz, fornecem sal, que não requer trabalho em o preparar. Raças de cavallos, que egualam em velocidade aos mais ligeiros da Arabia donde são originarios; innumeraveis manadas de bois os mais formosos do mundo, já fallados nos tempos fabulosos de Geryão; rebanhos de merinos celebres pe-

la superioridade das laãs, se eriam nas localidades mais proprias para estes animaes. Os cereaes, que fazem da Andaluzia o celeiro da Hespanha; fructos de toda a especie, quer da nossa zona temperada, quer dos climas equinocciaes; vinhos deliciosos secos, ou doces; cera, mel, abundancia de azeite, artigos de tinturaria, linho e canhamo, seda, e algodão, assucar, são generos que ahi vem buscar os negociantes do restante do universo. Não apresentam as costas maritimas menos manancias de opulencia; as pescarias d'anchovas e de atum rivalisam com as da Provença, e os rios são egualmente piscosos: a caça, productiva em excesso, guarnece as mesas, até das classes menos abastadas, com veação, lebres, excellentes coelhos, perdizes e batardas. Não obstante porém todas as vantagens que a Andaluzia offerece aos que se quizerem estabelecer no seu territorio, estas comarcas, tão ricas em varias produções, cheias de lindas paizagens, que estão exigindo agricultura, com cidades, que a industria facilmente reanimaria, vão em progressiva decadencia. No tempo dos mouros, que a fizeram uma das mais ricas e civilizadas porções da Europa, doze mil aldeas guarneciam [como referimos] as margens do Guadalquivir, onde hoje em dia talvez não existam oitocentas. Só o reino de Granada contava tres milhões de habitantes, hoje pouco mais tem de 600:000: Sevilha comprehendia perto de 400:000 pessoas; Cordova 200:000; Malaga 80:000; Baeza 150:000: presentemente a 1.^a não chega a 100:000 habitantes, Cordova a 35:000; Malaga terá, quando muito, 50:000, e Baeza nem talvez o decimo da população que tinha outr'ora. Ha cantões por tal fórma desertos nesta fertil Andaluzia, que fazem lembrar o centro d'África; solidão assaz vergonhosa para o governo, por isso mesmo que o estrangeiro logo dá com ella, achando-se, em geral, estes districtos miseraveis na proximidade das grandes cidades, e cortados por bellissimos rios ou estradas principaes. Por exemplo, d'Utrera, villa bem povoada e rica, nas visinhanças de Sevilha, até Xerez, bonita cidade, muito nomeada pela excellencia dos seus vinhos, corre a estrada de Madrid a Cadiz mais de nove leguas do paiz, sem que [diz o hespanhol Antillon] um logarejo se encontre em todo este espaço, que é fertil, e esmorece inculdo sob um clima delicioso. Desgraçada da nação, cujos regedores atravessarem tão silenciosa extensão sem interrogarem as causas da sua despovoação, e sem meditareem nas instituições, que nella poderão fazer renascer a agricultura!»

MARMORES.

DESIGNAM-SE vulgarmente pelo nome de marmores as pedras que, em consequencia de serem grandemente compactas e rijas, são susceptiveis de muito polido e espelho. Desta propriedade essencial se tirou semelhante denominação: porém na accepção mineralogica, designam-se pela palavra marmores, apenas as diversas variedades de carbonatos calcarios, que possuem a mencionada propriedade.

Podem-se classificar os marmores em primitivos e secundarios. Nos primeiros não se encontram conchas nem produções marinhas, são ordinariamente d'uma só côr, e as suas partes vêem-se distinctamente cristallizadas e granulosas. Os segundos, pelo contrario, contem muitas petrificações, e são em extremo betados e matisados de varias cores. Esta classificação, porém, não é a que se usa nas artes. Os artistas distinguem o marmore *estatuario* do marmore de *decoração*, conforme delle se servem para a esculptura, ou para a architectura.

Entre os marmores de mais nomeada achamos primeiramente o de Paros, de que muito uso faziam os esculptores gregos: a sua côr é acinzentada, os grãosinhos de que se compoem assaz graúdos, e pouco regularmente collocados entre si. Segue-se o de Carrara, tirado da costa de Italia assim chamada, e que della trouxe o nome. Este marmore é conhecido em toda a Europa; e o grande uso que delle se fez, e ainda se faz, não procede tanto de ser superior a sua qualidade, como da facilidade com que se tiram das pedreiras onde o ha, grandes penedos, que tambem se transportam mui facilmente, visto estarem essas pedreiras na visinhança do mar.

Os marmores estatuarios, de que são feitas as melhores obras antigas que existem, são, depois do de Paros, o do monte Penthelico, o do Hymetto, o de Athenas, o de Carrara, e o de Toscana. Os que se usam modernamente são variadissimos. A Italia tem-os em abundancia, sendo o mais celebre o vermelho de Verona.

O nosso museu de Lisboa possui uma bella collecção de amostras de marmore [a maior parte dos de Italia] que bem cortadas e polidas, guarnecem como em enxadrez duas mesas, que estavam na primeira salla das do museu, quando estabelecido na Ajuda, e que ora se acham collocados n'uma das sallas da academia das sciencias, para onde foi transferido aquelle museu. O de Coimbra tambem possui grande porção de curiosidades neste genero.

O marmore de que os nossos esculptores, principalmente em Lisboa, usam mais é o de Pero-Pinheiro juncto a Bellas. Preferem-o ao de Carrara; porque, além de ser nacional, não fica tão manchado quando se molha. Servem-se tambem do de Porto-de-Moz; porém este, ainda que toma bom polimento, tem o defeito de *esmilhar*, ou esboroar muito, e por isso não se podem fazer com elle obras com arestas muito vivas. Em Villa-Viçosa, Borba, e Estremoz tambem ha excellente marmore que tem sido menos mal aproveitado. Lembramo-nos de ter visto na visinhança de Borba uma columna inteiriça de marmore branco de desmesurada grandeza.

Em Mafra ha-o desta casta; mas suja-se e ennegrece muito estando ao tempo, do que ha provas no celebre convento edificado naquelle sitio. Do mesmo genero é o que ha em Paço-d'Arcos, muito usado em Lisboa nas obras de architectura.

Juncto á bem conhecida *pedra de alvidrar*, nas immedições de Collares, diz o Dr. Vandelli, que ha bancos de marmore tão bom como o de Paros e Carrara. O mesmo naturalista affirma haver excellentes marmores em Alpriate, Ancião, Arrabida, Cascaes, Cintra, Ega, Évora, Lagarteira, Leiria, Minde, Monte-Redondo, e Penha-Longa, além do dendrites (*) de Trapeus, que se encontra em Soure.

BRASIL (::).

II

SITUAÇÃO — EXTENSÃO — MEIOS DE PROSPERIDADE — CLIMA.

A ORIGEM do nome Brasil vem da madeira vermelha usada na tinturaria, e denominada pelos naturaes ibirapitanga. Quando os portuguezes descobriram [em 1500] esta vasta região poseram-lhe nome Terra de Sancta-Cruz; mas sendo o páu vermelho ou *brasil* [côr de brasa] quasi o unico objecto que então se tirava daquellas partes, a actual denominação prevaleceu. O nosso Barros, cuja philosophia raras vezes

subia a cousas mais altas, gasta quasi um capitulo em lamentar esta alteração de nome; mas, apesar das suas lamentações, o Brasil deixou inteiramente de ser conhecido pelo nome de Sancta-Cruz.

Situado na parte mais oriental da America este imperio extensissimo jaz, por assim dizer, no meio do mundo. Nenhum paiz, talvez, pela sua posição geographica, pela excellencia do seu clima; pela abundancia dos seus productos e pela facilidade das suas communicações internas é mais apto para chegar ao summo gráu da prosperidade, como já dissemos. A natureza o favoreceu com todos os seus dons. A temperatura do Brasil é quente, mas suave, e moderada pelas chuvas e brisas. A vegetação é ahi successiva, e a terra está todo o anno coberta de verdura, e em muitas de suas arvores se vêem ao mesmo tempo flores e fructos, e destes uns em crescimento, em quanto já outros se acham sazonados. No meio destas florestas virgens a caça abunda por toda a parte, e o solo ainda em todo o seu vigor offerece á energia do homem segura recompensa de todo o genero de trabalho que empregue em cultivá-lo.

Segundo os calculos recentes de Balbi, o Brasil occupa uma superficie de 2:250:000 milhas quadradas. Humboldt lhe dá a mesma extensão. No Atlas da America, publicado por Buchon, é avaliada a sua superficie em 3:060:000 m. quadradas, ou 1:958:400:000 geiras, não fazendo Balbi e Humboldt entrar no conta a provincia Cisplatina, e a das Missões a leste do Uruguay. A banda occidental, que comprehende o Grão-Pará, Rio-Negro e Matto-Grosso, provincias ainda mui pouco povoadas, encerra, só por si, 138:156 leguas quadradas de 20 ao gráu. Esta região, chamada outr'ora a Antiga Amazonia, é muito maior do que a Russia Europea, não contendo, ao mesmo tempo, talvez mais de 600:000 habitantes.

Posto que os limites do Brasil estejam ainda muito indeterminados, podemos dizer que o comprimento deste paiz, de norte a sul, é de 694 leguas, e a largura de leste e oeste de 600. Confina ao sul com as Provincias-Unidas da Plata, ao norte com a Guyana, a oeste com a Colombia e o Perú; banha-o pelo leste o oceano atlantico. Pela sua situação geographica este paiz está collocado admiravelmente para servir d'escala aos navios que viajam á roda do mundo, ou aos que se dirigem para a India ou para a China. Tal posição lhe pôde trazer grandes vantagens commerciaes. O clima, a configuração do solo darão um grande desenvolvimento á sua agricultura, que pôde exercer-se em productos proprios das terras equinocciaes, e nos da Europa meridional. Os seus portos immensos asseguram a facil exportação dos generos produzidos nas paragens visinhas do mar: a direcção dos rios cria no interior mercados que a industria deve augmentar prodigiosamente. Se algum dia o Brasil carecesse de gados, os vastos Pampas (*) de Buenos-Ayres o poderiam abastecer delles, do mesmo modo que pode ir buscar ao Paraguay certas produções que não parece darem-se no seu territorio. Quanto ás suas relações com o Perú, a Colombia, e Guyana são e serão por muito tempo de bem pouco momento.

Nesta vastissima extensão de territorio ha necessariamente uma extrema variedade de climas. A grande desigualdade das alturas do solo, impede que se façam repetidas observações thermometricas, necessarias para averiguar bem este ponto. Pode-se dizer, contudo, que nas costas do mar a temperatura é de 19 a 20 gráus de Réaumur, á hora do meio dia, admittendo algumas modificações conforme a localidade. Lançando uma vista sobre a disposição geographica

(*) Arvores petrificadas, ou pedras com feição de arvores: de *dendron*, que em grego soa o mesmo que arvore.

(::) Veja-se a pag. 179 do 1.º vol.

(*) Veja-se acerca dos Pampas o n.º 13 do Panorama.

do Brasil, vê-se que este immenso paiz fórma seis divisões, de climas e aspectos differentes. São estas as regiões do Rio das Amazonas, do Paraguay, e do Parana, da Banda do Sul, do São Francisco, e do Parahyba ou banda do Norte, devendo, porém, observar-se que as tres primeiras não pertencem inteiramente ao Brasil. Assim quando o calor não passa, na Bahia, de vinte graus, sobe no Rio de Janeiro a 26 ou 27. Nas provincias meridionaes é o inverno á vezes muito rigoroso, e até chega a haver gelo nas provincias do Rio Grande, S. Pedro, e S. Catharina. Esta temperatura já se vê que não será desagradavel para um europeu. Os calores que reinam ao longo da costa oriental nunca são assaz fortes para se sentir aquelle desfallecimento que se experimenta nas mesmas latitudes de outros paizes intertropicaes.

As estações podem-se reduzir a duas no Brasil: a estação secca, e a estação das chuvas. Andam estas com a monção do norte, e a monção do sul. É pelos fins de Setembro que começa a estação secca, em toda a costa oriental, e vem a acabar por Fevereiro: dura por tanto cinco mezes; Maio, Junho, Julho, e Agosto, formam a estação chuvosa, em toda a extensão da palavra; porque se não pode applicar completamente aos mezes intermedios, que participam de ambas as estações. Mas, como observa judiciosamente um celebre viajante, não se devem tomar as divisões que indicámos, senão como uma generalidade. A differença das situações, a visinhança das montanhas, os diversos graus de elevação do terreno, dão logar a circumstancias meteorologicas, que modificam especialmente a estação predominante. Durante o verão, ha frequentes trovoadas que vem na volta do pôr do sol, e ás quaes succede tempo sereno. No Rio de Janeiro, estas trovoadas rebentam desde Novembro até Março. Tem-se observado que quanto menos trovoadas ha na passagem do sol no equinoocio, maior é a intensidade das doenças. Nevoeiros frequentes e uma humidade capaz de estragar tudo são o signal dos mezes máus da estação das chuvas. Nas epochas das luas novas, e das luas cheias, é quando chove mais.

GAZETAS.

II

GAZETAS DAS NAÇÕES MODERNAS.

FALLAMOS em um Numero antecedente das gazetas dos romanos; tractaremos agora da sua origem e progresso entre os modernos, deixando para ultimo logar a noticia deste genero de escriptos em o nosso paiz.

Depois da extincção dos Actos Diarios dos romanos segue-se um largo periodo em que nenhum genero de publicação se encontra, que fosse destinada a noticiar o estado dos negocios publicos. Quando porém, tornaram a apparecer gazetas foi quasi no mesmo territorio, onde se haviam inventado. Pelo meado do seculo 16 estava a republica de Veneza envolvida n'uma guerra ateadissima com os turcos. Foi então que se tomou o expediente de dar conta aos cidadãos das operações militares e navas da republica, por via de folhas escriptas com letras de mão, as quaes se depositavam em logares certos, onde as podia ir ler quem quer que tivesse curiosidade de saber novas, a troco de uma pequena moeda, chamada *gazeta*, que para esse fim se pagava. O nome do dinheiro foi gradualmente passando para o proprio periodico; e assim nasceu este titulo admittido depois entre todas as nações. Em uma das livrarias publicas de Florença se acha uma collecção destas gazetas manuscriptas que eram, como os Actos Diarios

dos romanos, publicadas debaixo da immediata direcção do governo.

A gazeta manuscripta começou por fim a apparecer regularmente de mez a mez; mas tal era o receio que o governo veneziano tinha de que os papeis politicos se augmentassem e corressem, que, posto fosse conhecida geralmente a arte impressoria, e mais em Veneza do que em parte alguma, as gazetas impressas foram prohibidas e só as manuscriptas continuaram a ser distribuidas, n'uma epocha em que já a invenção da typographia contava mais de um seculo.

Entretanto aquella prohibição relaxou-se; e os venezianos foram os primeiros que imprimiram folhas volantes contendo a narração dos acontecimentos publicos. Veneza era então pelo seu commercio e poder marítimo uma das primeiras nações da Europa, e assim estes impressos chegavam a toda a parte, onde a lingua italiana podia ser entendida.

Este meio de diffundir o conhecimento dos successos que occorriam, começou a vulgarizar-se no resto da Italia; mas a Santa Sé julgou serem perigosos semelhantes escriptos. Uma bulla de Gregorio 13.^o prohibiu formalmente as gazetas que principiavam a apparecer em algumas cidades daquelle paiz.

Parece que foi em Inglaterra onde primeiro se imitou o exemplo da Italia. Burleigh, ministro de Isabel, fez publicar pelos annos de 1588 um periodico a que deu o nome de *Mercurio Inglez*, com o intuito de desassombrar o povo dos receios que lhe causava a armada que Philippe 2.^o mandava para conquistar a Inglaterra. Este Mercurio, comtudo, não era mais do que uma folha volante, que saía em epochas indeterminadas. Só em 1622 se começou a publicar um semanario em Londres, com o titulo de *Noticias certas da semana corrente*; mas logo apoz deste se publicaram successivamente outros.

Foi tambem esta epocha e do nascimento dos periodicos francezes. Um medico de Paris chamado Renaudot recorreu ao novo expediente de andar sabendo novidades e de as ir contar aos seus doentes para espaiarecerem. Alcançando assim a reputação de grande escudrinhador de noticias, veio por isso a ter muita freguezia. Porém, como nem todas as quadras iam doentias, lembrou-se o doutor de que podia tirar maior proveito dos seus talentos e do thesouro de novas que costumava ajunctar, dando todas as semanas aos seus antigos doentes algumas folhas volantes, que contivessem noticias de diversos paizes. Para esta publicação alcançou Renaudot privilegio exclusivo em 1632, e assim se estabeleceu em França a litteratura periodica.

Em um subseqüente artigo fallaremos da origem das gazetas em o nosso paiz.

RUINAS DE CARTHAGO.

EM quanto os interesses materiaes occupam a mór parte dos homens, e da somma de proveitos particulares resultam os grandes proveitos universaes, e as vantagens presentes afluem vantagens novas para as gerações vindouras; é bello ver que ainda ha homens que em vez de procurar as riquezas e de olhar para o porvir, escavam no passado e se pascem no conhecimento do mundo antigo, de que para nós não póde vir senão alguma bafagem de poesia, alguns gosos para as imaginações saudosas e amigas dos estudos. Agora se formou uma sociedade de individuos dados ao cultivo das sciencias e das artes, para escavar e desenccantar as ruinas da antiga Carthago, d'essa cidade de Juno e de Annibal, tão poetica ao mes-

mo tempo e tão historica; e para trazer á França quantas antigualhas alli lhe deparar sua boa fortuna. Dois delles se encarregam gratuitamente de dirigir a obra, e já lá estão: são Sir Greenville Temple, tenente coronel inglez, bem conhecido por suas muitas viagens, em particular pela de 1832, em Tunes, e o Sr. Falbe, capitão de mar e guerra, o qual depois de ter residido por espaço de onze annos em Tunes consul dinamarquez, foi o primeiro que deu aos antiquarios noticia do que se ainda conserva da antiga rival de Roma. O muito que ambos elles sabem daquellas terras e da lingua e costumes de seus moradores, e as relações que sempre com elles tem conservado, e não menos as recommendações que de suas pessoas fazem os governos de França, Inglaterra, e Dinamarca, assaz abonam as esperanças com que se aguarda o exito d'aquellas investigações.

Como só curiosidade, não é que damos esta noticia, mas como incentivo, que oxalá seja aos desbaratadores do passado.

Não vimos, não, aconselhar que nos occupemos em desenterrar reliquias bem venerandas d'antigos povos e cidades, que o nosso paiz encobre nas suas entranhas, de que o tempo tem dado amostras, e que não podem deixar de ser muitas em numero, á vista dos muitos dominadores que successivamente tem cobijado, e possuido esta fecunda terra; mas, pois que tão boa occasião se nos offerece, préгамos e prégramos sempre que ao menos não destruamos os vestigios que duram do tempo que foi; que não desherdemos o futuro do legado dos nossos maiores; que não usurpemos ao tempo o mais terrivel e barbaro dos seus direitos. Quantas pedras de edificios ou de sepulchros, que o obreiro hoje desloca e destroe assoviando, não tinham de ser para os netos um monumento mais valioso que o diamante! E com quantas outras d'essas pedras se não tem já rasgado, para nada, formosissimas paginas da nossa historia? A philosophia não destroe, mas concerta e edifica: é uma verdade que nos não cañaremos de repetir, em quanto os semiphilosophos se não cañarem de a impugnar, não com o raciocinio ou com a penna, mas com a força e com o picão.

CONSERVAÇÃO DAS SANGUESUGAS.

O uso frequente que ha annos se faz na medicina destes uteis animaes, tem causado a sua desappareição de muitos pantanos, onde os havia em cardumes: taes são os dos arredores de Aveiro. Hoje fornece-nos a Hespanha uma boa parte das sanguesugas que se gastam em Portugal; e assim o preço dellas tem subido de ponto. Um methodo que fizesse servir as mesmas sanguesugas umas poucas de vezes seria de summa utilidade: Mr. Kluge dá a seguinte receita para este fim.

Tomem-se tres partes de alcool rectificado, quatro de vinagre puro, e doze de agua, e misture-se tudo. Derrame-se este mixto sobre as sanguesugas que tem acabado de servir: dentro de tres minutos ellas terão vomitado todo o sangue e uma grande quantidade de muco, caíndo como mortas no fundo do vaso. Passados dois minutos lancem-se em uma peneira e deite-se-lhes por cima agua fria para as lavar muito bem: mettam-se depois em uma redoma meia de agua. No fim de um quarto de hora, recuperam o vigor, e pegam depois melbor. Mr. Heyfelder fez muitas experiencias para verificar a bondade da receita, e achou-a excellente; mas recommenda, que a quantidade da agua indicada seja um pouco maior, por que, sendo tão forte o mixto, algumas sanguesugas morrem: aconselha tambem que as lavem logo

que cessem de bulir, sem esperar que passem os cinco minutos, salvo quando tiverem já servido umas poucas de vezes.

INVENCIVEL ARMADA.

ENTRE os acontecimentos notaveis da Europa no seculo 16.^o não é dos menores o successo da armada que no anno de 1589 saiu de Lisboa, por mandado de Philippe 2.^o, com o intento de vingar a morte da rainha d'Escocia Maria-Stuart, a quem fora cortada a cabeça no castello de Fotheringay, por ordem de Isabel, rainha d'Inglaterra. Compunha-se esta armada de 140 galeões e 34 navios de varios tamanhos com 2:500 peças de grosso calibre. A gente de toda a sorte, que levava, eram 31:439 homens, entre marinheiros e soldados. Emfim era a mais lustrosa armada que até então se havia visto.

Foi no porto de Lisboa donde ella se ajunctou, e donde deu á vella para Inglaterra, que aos olhos do orgulhoso Philippe parecia facil conquista para tamanho poder: porém a maior parte da gente que ia nesta armada era bisonha nas cousas do mar; o duque de Medina-Sidonia, a quem fora encarregado o mando supremo, nenhuma practica tinha da guerra maritima, e os officiaes e pilotos tambem eram mui pouco entendidos no mister de que se occupavam.

Logo ao sair de Lisboa a armada esteve quasi perdida, antes de montar o cabo de Finisterra. Salva deste perigo, entrou no canal de Inglaterra com ventos sudoestes e chegou á vista de Plymouth: ahi podiam destruir as poucas embarcações inglezas que no porto havia, e entrar na cidade, que estava na maior consternação. Nada fizeram, comtudo, e foram fundear em Calais. Tres pequenas esquadras inglezas se aproximaram então da armada hespanhola, e enviaram de noite, para o meio della oito brulotes. Atemorisados os hespanhoes com o fogo começaram a picar as amarras, gritando "fogo d'Anvers, fogo d'Anvers!" — e na maior confusão e desordem tomaram o largo. Ao mesmo tempo levantou-se um temporal furioso, que mais espantoso tornava a escuridão da noite. Um as embarcações iam naufragar nas costas de França, outras se abalroavam nas trévas, e faziam rumbos com que se alagavam. Quando amanheceu, o mar estava cuberto de navios desarvorados, e as praias cheias de reliquias dos que tinham dado á costa. Então asserenando o tempo, os inglezes atacaram os que restavam, e que andavam soltos pelo canal. Muitos resistiram valorosamente, mas quasi todos os que não puzeram a salvação na fuga, foram tomados. O duque de Medina-Sidonia procurou retirar-se, com as embarcações que lhe restavam, pelo norte da Escocia; mas ahi deram á costa a maior parte dellas, e elle chegou quasi só a Hespanha, trazendo a triste nova daquelle desgraçado successo.

Nesta armada iam dez galeões e duas zavras portuguezas, de que quasi tudo pereceu miseravelmente. Tal foi o resultado de uma empreza filha do orgulho, e conduzida pela loucura e ignorancia.

ARDENTIA.

A PHOSPHORECENCIA do mar, ou a luz que delle surge em certas epochas do anno, é um dos mais bellos phenomenos que offerece o oceano. Este espectáculo quasi que não se dá nas paragens do norte; nas zonas temperadas é pouco brilhante a claridade que derrama a ardentia; mas entre os tropicos, e nas visinhanças delles esta scena se apresenta em toda a

sua magnificencia. Os navios, surdindo avante, abrem na planície liquida um sulco de fogo: cada um dos seus balanças faz jorrar torrentes de luz. As aguas, até onde a vista pôde alcançar, parecem competir com o ceu estrelado, no incalculavel numero de pontos luminosos que encerram. Uns, como as estrellas fixas, parecem immoveis; outros, semelhantes aos cometas errando nos ceus, discorrem pela extensão dos mares. Tudo se anima e se agita neste vasto quadro. A espaga o movimento cessa, o clarão some-se, e a mais profunda escuridão substitue esta scena de esplendor. Não tarda, porém, a apparecer outra vez a ardentia: as faiscas espalham-se, reúnem-se, e formam um vasto plaino de fogo, que amedrenta pela sua extensão, mas que é sublime pela sua formosura. Se os ventos baloçam as ondas, converte-se este espectáculo n'outro mais variado; as vagas luminosas arqueam-se, rolam, e estouram em escuma resplandecente, que mostra os mil cambiantes do arco-iris. O luar pouco affrouxa o brilho deste phenomeno; mas apenas rompe a madrugada, estes clarões phosphoricos desaparecem diante do astro do dia.

A ardentia tem sido objecto de muitas indagações de naturalistas; uns a attribuem á rotação da terra, a qual produz uma especie de fricção que torna as aguas luminosas, ou antes ao fluido electrico desenvolvido pelo roçar das particulas aquosas, a que se ajuncta o embate das moleculas de sal. Outros a tem em conta de um resultado da decomposição das plantas, dos peixes, e de outros animaes que encerra o oceano. A mais seguida opinião é que a ardentia é causada por animaes molluscos e zoophytes, numerosissimos nas regiões do Equador, e raros nas paragens frias e temperadas, e nos quaes a phosphorecencia é tão natural como nos perilampos, e outros semelhantes insectos.

Este phenomeno varia, segundo a latitude, o estado da atmospheria, a direcção dos ventos e correntes, &c.

O THALMUD JUDAICO.

É UMA collecção em 12 vol. de folio de dialogos, de controversias, de tradições, e de disputas sobre a religião e a moral judaicas; foi composto no intervallo do 2.º ao 6.º seculo da era christã, com o intento de defender e sustentar as instituições de Moysés. Nenhum escriptor israelita o traduziu ainda em lingua europea: Mr. Cohen publicou ha poucos annos alguns extractos curiosos em uma revista franceza. Ha dois thalmudes, o de Jerusalem, e o de Babilonia; este ultimo é o mais volumoso, e o mais vulgarizado. A obra comprehende duas partes distinctas: *halacha* [preceitos e doutrina], e *agada* [narrações e relações]. A primeira tracta de questões de direito, de policia, de leis de ceremonias, e de rito: a segunda é uma compilação de maximas, umas boas, outras más. O thalmud, como codigo, só tem actualmente alguma influencia entre os judeus da Polonia, e da Russia.

AS MACHADINHAS.

MOSTRANDO que em nenhuma conta tinha as forças do rei de Cambaia, costumava o celebre vice-rei da India, D. João de Castro, dizer que o havia de colher vivo ás mãos, e assim mesmo manda-lo assar. Para persuadir isto aos mouros, ignorantes e credulos, mandou fazer uns grandes espetos de pau. Usavam naquelle tempo os nossos soldados trazer nos cintos umas machadinhas mui polidas, e diziam que eram para cortar as driças e enxarcias dos navios que abal-

roavam: mas o seu uso mais vulgar era arrombar os fardos e caixas quando faziam alguma presa no mar, ou conquista em terra. Desgostava-se D. João de Castro daquelles instrumentos, que mais eram proprios de ladrões e piratas, do que de soldados de esforço e disciplina. Censurando, pois, elle certo dia a um soldado ordinario por tal motivo, respondeu este com agudeza: "Senhor, sem esta machadinha, de nada servem os espetos de vossa senhoria; porque não poderemos assar inteiro a elrei de Cambaia."

ENFEITES.

A NATUREZA é a verdadeira guia e mestra na composição dos adornos. Ella se compraz nelles, mas quer que sejam subordinados ao commodo e utilidade. Os homens seguem, quasi sempre, o contrario, e adornam-se para se pearem. Para os que tem verdadeiro bom-gosto, a simplicidade é o maior merito dos enfeites. Os dados a bagatellas, as cabeças ócas, e os ignorantes, prezam só o que brilha e é custoso ou difficil de alcançar. Cazam-se bem as idéas destes com as de um rei negro do interior da Africa, o qual recebeu a visita de cerimonia de um inglez tendo vestida uma farda de tambor, e na cabeça uma cabelleira de bandas, que sabe Deus quanto lhe tinha custado a haver.

PROCESSO SIMPLES PARA IMPEDIR QUE A TINTA ORDINARIA ATAQUE AS PENNAS METALLICAS.

ASSIM que se começou a generalisar o uso das pennas metallicas na França conceheu-se que a acção corrosiva da tinta ordinaria as inutilisava promptamente. Para evitar este inconveniente tractaram, a principio, de substituir a esta tinta diversas composições, porém como umas fossem muito caras, outras caçassem a vista, e outras, ou carecessem da fluidez necessaria ou atacassem egualmente o metal das pennas, buscaram os meios de remediar aquelle defeito da tinta commum, e como não se ignoravam as causas de que provinha, achou-se para isto um remedio muito simples e efficaz, indicado pela theoria, e completamente sancionado pela practica, o qual consiste em decompor por um excesso de ferro, o sulfato de cobre, [pedra lapis] o acido sulfurico, [vitriolo] e o acido gallaico, que superabundam na tinta, para o que basta deitar no tinteiro ou na garrafa de tinta alguns pregos, alguns fragmentos de pennas metallicas não envernizadas, e finalmente alguns pedaços de ferro sem ferrugem. Facil é de conceber o que então acontece. A acção corrosiva dos acidos exerce-se sobre o ferro excessivo, que se deita na tinta, o qual se cobre do metal resultante da decomposição do sulfato de cobre, contido em quasi todas as tintas ordinarias de escrever quando são mal fabricadas, ou da côr de cobre que abandonam ás pennas metallicas, as quaes deixam de soffrer deterioração. Se acontecer o contrario, é porque o ferro não é em quantidade sufficiente, será necessario augmenta-la. Julgámos que um processo tão simples, e tão pouco dispendioso, se faz digno de ser posto em practica nas repartições publicas, onde já se usa muito das pennas de aço.

VINHO DE MORANGOS, AMORAS DE SILVA, DE FERAMBUEZAS, OU DE AMORAS D'HORTA.

ESTES vinhos preparam-se todos do mesmo modo: machucam-se os fructos, e amassam-se com uma ou

duas libras de fermento por cada cem libras de fructa; depois desfaz-se a massa em agua quente para reduzi-la a calda, á qual se junctam vinte libras de assucar mascavado por seis e meio almudes de gume. Colloca-se em um logar cuja temperatura seja de 15 graus centigrados, e quando o vinho cessa de ferver ou de levantar escuma, tapa-se, e d'ahi a pouco tempo trasfega-se e deixa-se repousar.

Os vinhos de morangos e de framboezas fazem-se deliciosos com o tempo; até o de amoras pouco lhes fica devendo em bondade; estes vinhos teem, além disso, a grande vantagem da barateza. Podem junctar-se-lhes alguns aromas para augmentar-lhes o cheiro natural, e não é inutil misturar as framboezas com uvas de boa qualidade, para lhes diminuir alguma cousa a actividade no cheiro.

A PRACTICA universal de fazer meia á agulha não é só privativa do sexo-feminino na Allemanha. Ouvi contar que mais para o norte, e no eleitorado d'Hesse, os homens, durante os longos serões d'inverno, trocam as sacholas e enxadas por agulhas de meia, e se entreteem ao fogão em quanto as mulheres fiam, e os velhos contam historias. Quem me deu esta informação disse-me: « Isto offende as vossas melindrosas preoccupações inglezas, não é assim? Mas não será melhor do que passar as noites nas tabernas de cerveja? — Demais, preoccupações á parte, porque não hão-de os homens fazer meias, assim como fazem çapatos? — *Summer in Germany.* »

Modo de limpar perfeitamente os toneis velhos, barricas &c. — Lava-se primeiramente o tonel com alguns baldes d'agua, para lhes tirar a maior immundicie; depois, para uma vasilha da grandesa d'uma pipa d'agua-ardente, tomam-se 10 e meia canadas de agua, na qual se encorpora uma canada de chlorureto de cal; deita-se esta composição na vasilha que se solve em todos os sentidos por espaço d'um quarto de hora; depois lava-se muitas vezes com agua pura.

Durante algum tempo exhala-se um cheiro forte de chlorureto de cal; porém em menos de tres horas se dissipará inteiramente. Não ha que recear que este cheiro se communique ao vinho ou á cerveja.

Maneira de restituir ás plumas o lustro e brilho. — Segundo um naturalista de Manchester, nada é mais facil do que restituir ás plumas ou pennas empastadas das aves, a sua fórma, brilho, e flexibilidade. Basta para isto mergulha-las, por um momento em agua a ferver, e secca-las ao lume. Pode-se deste modo restituir ás aves enviadas de paizes remotos, cuja plumagem tenha soffrido alguma alteração durante o transitio, toda a belleza que tinham quando vivas.

Commercio de sanguessugas em França. — Este commercio d'importação sóbe annualmente a muitos milhões de francos. Ha quatorze annos que o commercio estrangeiro fornecia á França unicamente 3:400 bichas; em 1830 forneceu mais de 35 milhões dellas, junctando a este numero mais 20 milhões das sanguessugas indigenas, fórma o total de 55 milhões para o consumo annual da França; e como cada uma custa ao consumidor, pouco mais ou menos, 16 réis segue-se que nestes animalculos se despende annualmente uma somma de 880 contos de réis. Sera isto resultado da propagação do methodo Broussaisiano?

ETYMOLOGIA DE FEVEREIRO.

O NOME deste mez [em latim *Februarius*] deriva das *festas februaes*, que os-romanos celebravam por este tempo em honra de Juno, invocada sob o nome de Februa, ou deusa das purificações. Immolavam então muitas victimas em sacrificios expiatorios. Neste mesmo mez rendiam tambem culto a Plutão, e a outros numes, como Termino, ou Termo, divindade tutelar dos marcos ou balizas dos campos, &c.

SEMANARIO HISTORICO.

Annos
de
J. C.

Janeiro 28

- 828 — Morte de Carlos Magno: é notavel que no mesmo dia do mez morreram mais dois monarchas celebres: Henrique 3.^o de Inglaterra em 1547, e Pedro o Grande da Russia em 1725.
- 1551 — Terremoto em Lisboa: arruinaram-se duren-tas casas, e morreram mais de duas mil pessoas.
- 1582 — Nuno Monteiro com uma galeota commette a entrada do porto de Malaca, por meio de cento e cincoenta navios do Achém, que cercava a cidade; rodeado e combatido pela multidão dos inimigos, vae rompendo por entre elles, até que pegando-lhe fogo no paiol, vae em pedaços a galeota, com todos os que nella vinham. Os achens levantam o cerco.

29

- 1384 — Derrota Nuno Alvares Pereira os castelhanos na batalha dos Atoleiros.

30

- 1502 — Cria-se o titulo de almirante do mar das Indias, e é conferido ao celebre Vasco da Gama, que neste dia parte do porto de Lisboa, pela 2.^a vez, para a Asia, com uma armada de vinte naus.

31

- 1512 — Nasce o cardeal rei D. Henrique, filho d'el-rei D. Manuel, e no mesmo dia do mez morre, em 1580.

Fevereiro 1

- 1605 — Recuperam os portuguezes a fortaleza de Tidore que os holandezes lhes haviam tomado.

2

- 1300 — Institue o papa Bonifacio 8.^o os jubileus na igreja romana.
- 1559 — Sae de Goa D. Constantino de Bragança com uma armada de cem vellas e toma a cidade de Damão.
- 1583 — Levantam-se os reis do sertão de Angola contra os portuguezes. O governador Paulo Dias de Novaes os derrota.

3

- 1509 — D. Francisco d'Almeida accommette e destroe, na barra de Diu, a armada de Mir-Hocem, composta de 200 vellas, levando elle apenas 19. Durou o conflicto desde as 11 horas da manha até as 2 da noite.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, rua nova do Carmo N.^o 39 = D.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.